

AUSÊNCIA DA FAMÍLIA NA ESCOLA
(ABSENCE OF FAMILY AT SCHOOL)

Aparecida Batista da Silva¹
Marceleia Pereira de Oliveira²
Lucicleide de Souza Barcelar³

RESUMO

O trabalho tem por finalidade compreender os desafios que a escola enfrenta com a ausência da família. Neste sentido, a pergunta norteadora da pesquisa contempla: quais os desafios que a escola enfrenta com a ausência da família? Os objetivos específicos são: identificar os motivos pelos quais as famílias não participam dos eventos escolares que exigem sua presença na escola; descrever como a gestão escolar age a fim de trazer a família para a participação dos eventos na escola; verificar como os professores lidam com a ausência da família no acompanhamento dos filhos. A metodologia adotada inclui a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo com estudo exploratório e descritivo. Para a coleta de informação, realizou-se observação e aplicação de entrevistas, com a participação dos seguintes sujeitos: professores e coordenadores. Na sequência foi realizada uma análise de conteúdo. Concluiu-se, com os resultados, que a participação da família é fundamental para o desenvolvimento da criança, no ambiente escolar.

Palavras-chave: Família. Escola. Ausência. Participação.

ABSTRACT

The work has as significant the challenges that the school faces with the non-family. In this sense, the guiding question of the research contemplates: what are the challenges that the school faces with the absence of the family? The specific objectives are: to identify the reasons why families do not participate in school events that seek their presence at school; description as school age management in order to bring the family to attend school events; to verify how the teachers deal with the absence of the family when accompanying their children. The methodology adopted includes a bibliographic search and field research with an exploratory and descriptive study. For the collection of information, observation and request for identification were carried out, with the participation of the following subjects: teachers and coordinators. Next, a content analysis was performed. It was concluded, with the results, that the participation of the family is fundamental for the development of the child, in the school environment.

Keywords: Family. School. Absence. Participation.

1 Graduada em Pedagogia, pelo Centro Universitário Ateneu. E-mail: cidabatista109@gmail.com

2 Graduada em Pedagogia, pelo Centro Universitário Ateneu. E-mail: marciaoliveira2573@gmail.com

3 Professora do Centro Universitário Ateneu. Doutora em Educação pela Universidad Autónoma de Barcelona. E-mail: projetoscientificos@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A comunidade escolar, de forma geral, tem como objetivo levar em consideração o processo de aprendizagem dos alunos para seu pleno desenvolvimento educacional e social. Isso significa que a família e a escola precisam estar em sintonia, fazendo com que o processo de ensino-aprendizagem tenha resultados satisfatórios a todos os envolvidos.

O Artigo 205 da Constituição diz que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Corroborando a carta Magna, o Artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases de 1996 também defende que “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Como se vê, os dois maiores textos legais sobre educação determinam a participação do Estado e da família no processo educativo. A não-participação da família na escola está entre um dos grandes desafios enfrentados pelas escolas, atualmente, visto que os alunos necessitam ser acompanhados pelos pais, pois a educação não é só responsabilidade da escola.

Diante disso vimos a necessidade de pesquisar os motivos pelos quais os pais não acompanham, não cumprem com sua responsabilidade e com as obrigações, na vida escolar dos filhos. Além disso, considerando que esta pesquisa foi desenvolvida como trabalho de conclusão de curso de Pedagogia, no Centro Universitário Ateneu (UniATENEU), observou-se que a temática já vem sendo pesquisada neste âmbito, conforme apontam os trabalhos de Silva (2019) e de Souza, Sousa e Marques (2020), tratando da importância da interação entre professor e família, na aprendizagem de alunos de ensino fundamental.

Esta pesquisa poderá contribuir para a melhoria da relação família - escola, ajudando a saber os motivos pelos quais os pais são ausentes na escola, além de demonstrar o quanto poderiam ajudá-la no desenvolvimento de meios para superação das dificuldades e favorecimento de uma melhor interação entre esses dois elementos. A pergunta norteadora sintetiza o problema: Quais os desafios que a Escola enfrenta diante da ausência das famílias?

As novas configurações econômicas da sociedade, muitas vezes, exigem dedicação dos pais, impossibilitando sua presença em compromissos educacionais de seus filhos. A correria do dia a dia não permite que muitos familiares acompanhem, de perto, esse desenvolvimento. Além disso, muitos pais não têm condições intelectuais de participar. Considerando que o processo de alfabetização e escolarização da sociedade é gradual, e que

nem todos os pais de crianças escolarizadas foram alfabetizados, fato que dificulta sua participação.

Por isso é importante saber que essa relação de presença na educação dos filhos, está para além da relação com a escola. É uma relação com o conhecimento, com a ação de ser educado, aprender, conhecer. Os pais que conseguem, mesmo em meio a tantos compromissos, demonstrar a importância do processo educativo para os filhos já estão contribuindo, significativamente, para o desenvolvimento deste. É comum acompanhar situações de crianças cujos pais não haviam sido alfabetizados, que foram educados, chegando ao ensino superior. Isso quer dizer que a relação estabelecida com a educação no seio familiar, era de relevância, ou seja, os pais sempre mostraram aos filhos a importância de estudar, de receber e construir conhecimentos, de respeitar as instituições de ensino e as pessoas que participam desse processo.

O objetivo geral do estudo é compreender os desafios que a escola enfrenta com a ausência da família. Os objetivos específicos são: identificar os motivos pelos quais as famílias não participam dos eventos escolares que exigem sua presença na escola; descrever como a gestão escolar age a fim de trazer a família para a participação em seus eventos; verificar como os professores lidam com a ausência da família no acompanhamento dos filhos.

Para melhor organização do trabalho, o mesmo foi dividido em duas partes: a primeira abordando as teorias, onde são trabalhados conceitos fundamentais para compreender o fenômeno e a segunda, onde contemplamos a parte empírica, metodológica, análise da informação e conclusões.

2 PERSPECTIVAS SOBRE A FAMÍLIA E A ESCOLA

Participação é a ação e o efeito de participar e, neste sentido, o artigo em questão, aborda o contrário deste ato, ou seja, a falta de participação da família na escola. Destarte, na fundamentação teórica contempla: a definição e os tipos de família, a função da escola, a ausência da família e a interação entre a família e a escola.

2.1 O que é família?

Família deriva do latim “*famulus*” que quer dizer “escravo doméstico”. Esta origem, segundo Engels (2012), vem da Roma Antiga quando, tal nome, foi dado a um grupo social que surgiu entre as tribos ao serem introduzidas na agricultura e na escravidão. Sabe-se que a

família é caracterizada como um núcleo de pessoas que convivem em um determinado ambiente, durante determinado tempo e que se acham unidas por laços consanguíneos.

Athayde (2017) afirma que a família é o primeiro grupo social onde o indivíduo passará pelo processo de socialização. Uma ponte para atravessar e receber os valores morais, éticos e culturais, que reforçarão comportamentos e valores. Os seres humanos necessitam do auxílio dos adultos, durante um tempo inicial, que podemos constatar como mais extenso que a maioria dos outros seres vivos. Sua autonomia física e psíquica demanda alguns anos tanto que, legalmente, para que ele seja considerado responsável por si mesmo, especificamente em nosso país, o Brasil, a maioridade chega somente aos 18 anos de idade.

A constituição brasileira afirma que a “família é a base da sociedade e tem proteção do Estado” e deixa sua definição em aberto aduzindo, apenas, que se estende, também, como “entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes”. (BRASIL, 1988, p.133).

A estrutura familiar varia conforme a sociedade e a época. A família e sua relação com a sociedade são intermediadas por regras que determinam direitos e deveres entre ambas e, este fato, tem levado a todas as sociedades a organizarem-se em torno das estruturas familiares.

Dadas às formas variadas com que diferentes grupos humanos inventaram para organizar sua coexistência, definir de forma absoluta as estruturas familiares é uma tarefa impossível. Portanto, é mais conveniente usar a expressão “estruturas familiares”, para também dar conta do fato de que a família tem conhecido diferentes modos de ser, de acordo com o tipo de sociedade e as formas organizacionais do momento histórico.

Na contemporaneidade, perceberam-se mudanças profundas, sejam sociais ou culturais no que se refere à família. Novas culturas surgiram em relação ao conceito de família. O papel de mãe mudou e o pai não é mais declarado o único chefe da família. No decorrer dos últimos anos deram início às grandes transformações no comportamento e nos valores morais da sociedade. De maneira sutil ocorreu o processo de mutação e surgiram os novos arranjos familiares.

Por isso já não há apenas um modelo único, mas uma variedade de grupos familiares. De acordo com Souza e Sousa (2016), pode-se reconhecer várias formas de família:

Quadro 1 - Principais tipos de família

Tipos de família	Formação
Família Matrimonial	Modelo tradicional, formada pelo casamento.
Família Informal	Formada pela união estável.
Família homoafetiva	Caracteriza-se pela união de indivíduos do mesmo sexo; esta modalidade de família caracteriza-se pela união de pessoas do mesmo sexo.
Família Monoparental	Um dos pais com seu filho (ex.: mãe solteira e seu filho).
Família Anaparental	Formadas apenas pelos irmãos (sem os pais).
Família Pluriparental	São aqueles pais separados, com filhos, que começam a viver com outro também com filhos;
Família Unipessoal	Uma só pessoa, como uma viúva, por exemplo.
Família Paralela	O indivíduo mantém duas relações ao mesmo tempo (ou relações esporádicas, livres, ocasionais), por exemplo, casado que também possui uma união estável.
Família Eudemonista	Vinculada pelo afeto e solidariedade dos indivíduos, buscando principalmente a felicidade (conceito mais inovador de família).

Fonte: Baseado em Souza e Sousa (2016 *apud* SOUZA; SOARES, 2019).

Segundo Bock, Furtado e Teixeira (1999), o grupo familiar tem uma função social determinada a partir das necessidades sociais, sendo que entre suas funções está, principalmente, o dever de garantir o provimento das crianças para que possam exercer, futuramente, atividades produtivas, bem como o dever de educá-los para que tenham uma moral e valores compatíveis com a cultura em que vivem.

Entretanto, novas teorias estão surgindo, como afirmam Ferrari e Kaloustian (2002), que a família, da forma como vem se modificando e se estruturando nos últimos tempos, impossibilita identificá-la como um modelo único ou ideal. Pelo contrário, ela se manifesta como um conjunto de trajetórias individuais que se expressam como arranjos diversificados e em espaços e organizações domiciliares e peculiares.

Tiba (2005) diz que a família de hoje é um núcleo afetivo, socioeconômico, cultural e funcional num espírito de equipe no qual convivem filhos, meio-filhos, filhos postíços, pais tradicionais, revolucionários, separados, recasados, o novo companheiro da mãe e/ou a nova companheira do pai, não são mais um núcleo piramidal de pessoas unidas pelo sangue, com o

poder maior no pai, seguido pela mãe para “cuidar da casa e criar os filhos”, que formavam a base da pirâmide.

Segundo Athayde (2017) quando o assunto é família, ficam evidenciadas que novas formas e estruturas experimentam mudanças nos seus padrões tradicionais. A começar pelo papel que a mulher assume no mercado de trabalho, assim como a urbanização com toda sua mobilidade, o êxodo rural e a comunicação em massa, somente para citar alguns fatores.

A diminuição da autoridade paterna diminui em torno da autoridade da figura do Estado, como principal regulador das relações sociais e, por outro lado, a contestação da autoridade tradicional em nome dos princípios da sociedade democrática.

No quesito controle de natalidade, a dinâmica vem demonstrando novas percepções sobre o tema independente da religião ou da doutrina sobre o tema.

A diminuição progressiva da influência e da unidade religiosa no seio das famílias, no plano jurídico, há um deslocamento das responsabilidades da família para as instituições sociais, sejam elas a escola, a previdência social, o juizado de menores, *etc.*

2.2 A função da escola

Para Aulete (2004) a escola é um estabelecimento de ensino coletivo, conjunto de alunos e professores e pessoal, seguidores de uma doutrina. Ou ainda “Prédio onde funciona a escola”, mas para muitos é local de amadurecimento; aquisição de conhecimento e mudança de vida, uma vez que, o conhecimento liberta e transforma.

A escola não só cumpre com a função de transmitir conhecimentos e habilidades, mas inculca valores e atitudes. Através dela vamos formando diversas redes sociais ao longo de nossa vida. Por rede social entende-se ser um conjunto de pessoas e de relações que se estabelecem entre elas, sejam de cunho financeiro, de amizade, de trabalho, *etc.* Um tipo particular de rede social é a rede do apoio social, definida como o conjunto de familiares, amigos, vizinhos e membros da comunidade.

Athayde (2017) relata que ao nos referirmos a escola como agente socializador, podemos dirigir a análise sob três aspectos: a escola como um espaço onde o indivíduo é formado, como portadora de sentidos que se constroem através da história e, finalmente, como participantes do desenvolvimento e socialização da pessoa. Além disso, sua dimensão pedagógica influencia e elabora os sentidos da identidade. Estes sentidos são direcionados para a configuração de assuntos morais tais como, a interação e o confronto contínuo entre aqueles que fazem parte de suas relações sociais.

Pensar a escola como um espaço que incidirá, diretamente, na formação do indivíduo, permite pensar em dois vetores de análise: a questão pedagógica, metodológica e estrutural orientará o ensino à questão das práticas pedagógicas que serão as ferramentas de explicação do conhecimento e a intenção de formar o ser humano que atribui o significado das relações e das estruturas de sua atuação, desenvolvendo o talento do homem de entender o mundo real.

A escola é portadora de sentidos que pertencem a história, seja na construção da pluralidade e diversidade, onde a pessoa consiga arquitetar sua própria identidade; onde os sujeitos sociais possam elaborar os significados da sua existência, além de mediar suas particularidades como viver, sentir e pensar.

Espera-se que os alunos, depois de certo tempo, consigam refletir sobre sua história, suas relações e desenvolvam uma prática ética tendo como referência o processo de aprendizagem.

Como responsável pelo desenvolvimento da pessoa com relação ao seu meio social, a escola, em sua ação formadora e socializadora, deve conseguir cooperar para o desenvolvimento de uma sociedade plural e inclusiva. Outra questão fundamental passa pela consolidação da cidadania. A escola, como espaço formador do indivíduo, se concretiza na construção conjunta de uma série de processos sociopedagógicos de natureza cultural, política, moral e ética que definem princípios e direitos sobre os quais se edifica a posição de um indivíduo no grupo social. (ATHAYDE, 2007).

A escola é uma instituição que tem como função a socialização do saber sistematizado, ou seja, do conhecimento elaborado da cultura erudita. A escola se relaciona com a ciência e não com o senso comum. Ela existe para proporcionar a aquisição de instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência) e aos rendimentos (bases) desse saber. (SAVIANI, 2005).

Quadro 2 - Faixa etária escolar

Etapas de ensino	Faixa etária prevista	Duração
Educação Infantil	Até 5 anos de idade	
Creche	Até 3 anos de idade	
Pré-escola	4 e 5 anos de idade	
Ensino fundamental	Até 14 anos de idade	9 anos
Anos iniciais	De 6 a 10 anos de idade	5 anos
Anos finais	De 11 a 14 anos de idade	4 anos

Fonte: (BRASIL, 2017). Adaptado pelas autoras.

De acordo com a LDB (Lei de Diretrizes e Base da Educação) a faixa etária do ingresso e duração de anos do ensino foi este exposto acima. Por sua vez, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça a garantia que permaneça dessa forma.

2.3 A ausência da família na escola

Considerações de Mendes (2010) sobre as possíveis causas da ausência familiar na vida escolar dos filhos relatam que, com o advento do capitalismo, as famílias passaram por uma grande mudança contextual, que se caracterizou pela ausência dos pais dentro de casa. Explicando, por meio de exemplo, ocorreu que o artesão que fazia suas peças no quintal de sua casa, contando com a ajuda dos filhos e da mulher para tal ofício, teve que sair do âmbito familiar para trabalhar na fábrica. Com os pais trabalhando nas fábricas os filhos passaram a ter, na escola, um abrigo permanente e contínuo. Este fato ocasionou a divisão da responsabilidade da guarda das crianças entre família e escola.

Nesse sentido é possível ver abaixo, as atribuições da família e os motivos de ausência da mesma.

Quadro 3- Atribuições da família X Ausência da família

Atribuições da família	Ausência da família
Geradora de afeto entre os membros da família.	Saída da mãe para o mercado de trabalho.
Proporciona segurança pessoal.	Pais que trabalham e possuem grandes responsabilidades.
Repassar os valores para serem indivíduos éticos e bem-sucedidos na sociedade.	Transferência confusa de responsabilidade (a família passa para a escola a responsabilidade de cuidar e educar os seus filhos).

Fonte: Baseado em Miduchin (1990).

Atualmente é possível observar, com frequência, a ausência dos pais na vida escolar de seus filhos. A tendência sempre, à primeira vista, é de criticar ou até mesmo utilizar a famosa frase: “Comigo isso não aconteceria!”. Na verdade, quando surge a necessidade de falar sobre algum assunto relacionado à educação de filhos, estabelece-se a tendência a

expressar uma falsa praticidade, ou seja, o ato de encontrar culpados é bem mais fácil e interessante do que se procurar compreender as complexidades relacionadas ao assunto.

A visão que os pais desenvolvem da escola, também deixa clara sua escala de valores, ou seja, a escola, muitas vezes, não passa de uma empresa disfarçada ou fantasiada de creche e isto está, diariamente, tornando-se comum. Os filhos são lançados na escola e muitas vezes esquecidos por um transporte escolar que chega com algum tempo de atraso, quase todos os dias. Por essas e outras razões, todos os dias são percebidas e diagnosticadas várias dificuldades de aprendizagem em crianças, aparentemente, saudáveis e normais.

Vasconcelos (1989) relata que, cada vez mais, os alunos vêm para a escola com menos limites trabalhados pela família. Muitos chegam mesmo a passar toda responsabilidade para a escola. Mediante suas remotas experiências como estudantes e a desorganização da classe que os filhos relatam, os pais exigem da escola uma postura autoritária. É preciso ajudá-los a compreender que existe uma alternativa, que supera o autoritarismo.

Cury (2012) afirma que a ausência dos pais na escola pode, em alguns casos, produzir um efeito negativo na aprendizagem dos alunos. Pode gerar um canal aberto para que o aluno entre no mundo das drogas, fato que, para a sociedade, vem custando muito caro. Geralmente o usuário, no início, consegue esconder o vício das pessoas de sua casa e dos professores, mas não faz muita questão de ocultá-lo de amigos e colegas.

É necessário que a família una forças com os professores e a escola e esta deve informar tudo o que se passa com os alunos aos pais. Eles, por sua vez, devem procurar ajuda de profissionais para tentar solucionar problemas. Já disse Tiba:

Não adianta o professor fazer sua parte se a orientação escolar não fizer a dela: verificar se os pais ou responsáveis tomaram alguma providência e qual foi a medida escolhida, acompanhando a evolução do tratamento por meio da observação mais apurada do comportamento do aluno em questão. Nesses casos, é importante a escola entrar em contato com o profissional encarregado do tratamento ou vice-versa. (TIBA, 2006, p.147).

Na sociedade atual, cujos pais passam demasiado tempo no trabalho e muitas vezes se apegam a isso para não participar ativamente da vida escolar do filho, resolver determinados problemas da criança torna-se cada vez mais difícil. Os pais, achando que sabem o que está se passando, buscam e aplicam soluções para outros problemas. Como encontrar a saída do problema se a família não for assídua na escola? Tem que haver essa aproximação para encontrar a solução para o bem da criança.

Entendemos que é de fundamental importância a presença da família na escola, participando das atividades e interagindo com os professores, principalmente nos primeiros anos. Porque a criança está se afastando do ambiente do lar e então se sente insegura, afinal, tudo para ela é um mundo novo. Entende-se que o papel dos pais é insubstituível. A influência que a família pode oferecer dá criatividade sem limites aos filhos e essas crianças estimuladas são seguras e disciplinadas no aprendizado, como diz a autora, Zagury:

Nós, pais, somos insubstituíveis. A escola faz um tipo de trabalho; a família, o outro. Ambas se completam de forma maravilhosa e incrível para o bem-estar e a formação integral das nossas crianças. Mas nem uma nem outra pode suprir todas as necessidades infantis e juvenis sem ser em conjunto. (ZAGURY, 2002, p.67).

Vale destacar que a presença da família é contada nos mínimos detalhes, como num momento de diálogo, na convivência, nos risos, nas trocas afetivas, nas refeições conjuntas, onde haja diálogo. Entende-se que o meio social no qual a criança vive é de extrema importância, pois provavelmente é nesse convívio que ela demonstrará resultados significativos e então, se a família e a instituição de ensino não favorecem isso provocarão a evasão pedagógica na criança. Para ponto de partida, a afetividade é muito importante no mundo do aprendizado pedagógico.

Antunes (2013) relata que inúmeros pais não são amigos da escola em que seus filhos estudam. Com muita frequência pensam que se são escolas públicas têm obrigação de atender os filhos e medem esse atendimento pelo fornecimento de material escolar e uniforme. Quando escolas particulares acreditam que, como estão pagando, cabe unicamente a ela a responsabilidade de atendimento e educação. Tristemente encaram a escola como um depósito de gente, algo assim como almoxarifado onde se depositam objetos em desuso. Despertam-se para existência da escola quando surge um problema grave ou se convocados com urgência.

Essa atitude representa erro com graves consequências e também não oportuniza meios posteriores de correção. As desculpas para essa atitude são velhas conhecidas: falta de tempo, confiar no trabalho da equipe docente, ausência de reclamação dos filhos ou ainda não querer aborrecer. São justificativas inaceitáveis.

Todo pai e toda mãe têm a obrigação de acompanhar o trabalho da escola de seus filhos como acompanharia a saúde deles se, em um hospital, necessitasse de cirurgia ou cuidado para uma gravidade inesperada.

Antunes (2013) diz que a alegação que não se tem tempo é mentirosa e é tolice, pois o envolvimento deles, nessa ação, não gasta mais que algumas horas por mês, muito menos as

que se gastam por semana, diante de novelas ou acompanhando o time de futebol. Afirmar que confiam no trabalho da equipe docente é mito, pois quando não se percebe esse trabalho, não se acompanha seu desempenho. Pior ainda é a afirmação de não querer perturbar quando, qualquer escola, mostre ou não simpatia pela presença dos pais, tem obrigação de recebê-los e prestar conta, periódica, do desempenho dos filhos. Será que se incomodam em “aborrecer” a gerente de sua conta bancária quando surge problema no extrato? O apelo por essa amizade à escola é ainda mais significativo pela autoestima do aluno e pelo respeito, já que assim ele ganha diante de seus colegas e dos professores quando sabem que os pais representam elementos presentes no cotidiano escolar: para conversarem com os professores, saber do desempenho deles, de suas amizades, de seu perfil de estudante, das lições e tarefas que apresentam. (ANTUNES, 2013, p.223).

2.4 Interação entre a escola e a família

Conforme Jardim (2006) a relação escola e família vem sendo muito discutida nos últimos tempos. A grande dúvida é saber os limites entre os deveres da família e os da escola. Como se sabe, não é a escola e sim a família que proporciona as primeiras experiências educacionais à criança.

Essa relação pode ser dividida em dois enfoques: sociológico e psicológico. Enfoque sociológico: relação família - escola é vista em função de determinantes ambientais e culturais. As famílias que não se enquadram no suposto modelo desejado pela escola são consideradas as grandes responsáveis pelas disparidades escolares. Seguindo este enfoque faz-se necessário para o bom funcionamento da escola que a mesma e as famílias adotem estratégias similares de socialização.

Há uma intenção de promover uma educação para as famílias tidas como “desequilibradas”. O ambiente escolar exerce um poder de orientação sobre os pais para que estes possam educar melhor os filhos e a família, por sua vez, possa frequentar a escola. A família é responsabilizada pela formação social e moral do indivíduo, enquanto o enfoque psicológico, a relação família - escola é atravessada pelos determinantes emocionais e afetivos (psicológicos).

Oliveira (2002) diz que a família é responsabilizada pela formação psicológica. A ideia de que a família é a referência de vida da criança, o *locus* afetivo e condição *sine qua non* de seu desenvolvimento posterior será utilizada para manter certa ligação entre o

rendimento escolar do aluno e sua dinâmica familiar é responsável pelo “bom” desempenho do aluno. Professores passam, em um processo naturalizado por todos, a avaliar e a analisar o comportamento dos alunos.

Velado enfrentamento da escola com a família, aparentemente diluído nos grandes projetos de participação e de parceria entre esses dois sistemas, podendo-se afirmar que em ambos os enfoques se destacam dois aspectos principais: I) A incapacidade da família para a tarefa de educar os filhos e; II) A entrada da escola para subsidiar essa tarefa, principalmente quando se trata do campo moral.

Essa relação é permeada pelo movimento de culpabilização e não de responsabilização compartilhada dos pais para ação educacional. Ou seja, a família culpa os docentes pela dificuldade de aprendizagem do aluno e a escola culpa os pais pela ausência da família no processo de aprendizagem do mesmo. Não se chega a um acordo e há um desencontro entre essa relação.

Diante dos expostos acima, a relação família-escola deve ser algo presente, pois caso contrário, o maior prejudicado é a criança e, infelizmente, é o que vem ocorrendo ultimamente: famílias distantes da escola. Estão terceirizando a educação dos filhos, deixando tudo a cargo da escola. Não estão dividindo as responsabilidades de cada uma.

Segundo Castro (2009) quando se fala em interação, se pensa em fatores distintos que têm algum grau de reciprocidade e de abertura para o diálogo. Nessa perspectiva é importante identificar e negociar, em cada contexto, os papéis que vão ser desempenhados e as responsabilidades específicas entre escolas e famílias. Por exemplo, considera-se que o ensino é uma atribuição, prioritariamente, da escola. Esta divide essa responsabilidade com as famílias, quando prescreve tarefas para casa e espera que os pais as acompanhem. Em um contexto de pais pouco escolarizados, com jornadas de trabalho extensas e com pouco tempo para acompanhar a vida escolar dos filhos, essa divisão pode mostrar-se ineficaz.

Por isso, da mesma forma como procura diagnosticar as dificuldades pedagógicas dos alunos para atendê-los, de acordo com suas necessidades individuais, a escola deve identificar as condições de cada família, para então negociar, de acordo com seus limites e possibilidades, a melhor forma de ação conjunta. Assim como não é produtivo exigir que um aluno com dificuldades de aprendizagem cumpra o mesmo plano de trabalho escolar dos que não têm dificuldades, não se deve exigir das famílias vulneráveis aquilo que elas não têm para dar.

Cuonici e McCulloch (1999) dizem que, em algumas situações, observa-se uma forte desqualificação da família por parte do professor, desqualificação muitas vezes recíproca, aliás. Tanto professores quanto pais, atribuem as dificuldades da criança um ao outro. Observamos que, quando a desqualificação da família era forte e persistente, mascarava o sentimento de impotência e de fracasso do professor em sua função profissional. Entretanto, quanto mais o professor se ocupava ou se preocupava com os “defeitos” da família (as “causas” dos problemas da criança), menos o professor percebia o que estava ocorrendo e menos encontrava soluções para as dificuldades da criança, em seu campo de trabalho, onde havia um aumento do problema.

Quando o problema da criança desperta no professor um sentimento de falta de coragem, de impotência ou de fracasso momentâneo ou crônico, a busca das “causas” do problema, fora do contexto da sala de aula, o conforta com a ideia de que está certo, de que fez tudo o que era possível e de que a “responsabilidade” pelo problema não lhe pertence, de forma alguma. Os pais fazem, geralmente, o raciocínio oposto nestas situações. A busca por soluções, dentro da sala de aula (sem necessariamente chamar os pais), pode ser delicada, nestas situações, pois implica que o professor aceite a ideia de que é responsável (junto com outros) pelo sucesso ou o fracasso da criança.

3 METODOLOGIA

Nessa parte do trabalho, apresenta-se o estudo empírico: desenho da pesquisa, local, sujeitos, técnica de coleta e análise de dados e termos éticos.

3.1 Tipo de pesquisa

Compreendendo a realidade social em sentido amplo – que envolve os seres humanos, seus múltiplos relacionamentos e suas interações nas instituições sociais – é possível entender que esse estudo se aproxima de uma pesquisa social, nos termos colocados por Gil (2008), ou seja, uma pesquisa que “permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social.” (GIL, 2008, p. 27).

Quanto a sua finalidade, essa pesquisa se constituiu como básica (GIL, 2010), ou seja, reúne estudos com a finalidade de preencher uma lacuna no conhecimento. Quanto aos objetivos gerais, essa pesquisa se classifica como exploratória (GIL, 2010), mas aproxima-se de uma pesquisa descritiva (GIL, 2010), na medida em que levanta opiniões, atitudes e

crenças de professores considerando a temática investigada. Para tanto, realizou-se pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo.

3.2 Local e participantes da pesquisa

A Escola de Ensino Fundamental “XX” está situada no bairro Lagoa Seca, Pacajus, Ceará. Há 18 anos serve à comunidade e às demais localidades em torno. Assiste a, aproximadamente, 400 alunos de educação de ensino fundamental, do 1º ao 9º ano, no período diurno.

Sua estrutura física é composta por 6 salas de aula, 1 diretoria, 1 secretaria, 1 recepção, 1 sala de professores, 1 pátio, 1 depósito para lanches, 1 cantina, 4 banheiros (2 de meninas e 2 de meninos), 1 depósito de material de limpeza, 1 sala de AEE, 1 quadra poliesportiva coberta. Além de uma cisterna que comporta 2 mil litros de água e uma horta, de onde as cozinheiras retiram os legumes para o lanche dos infantes e é mantida com a ajuda dos mesmos. O espaço onde as crianças brincam, livremente, é arborizado e as mesas onde eles comem servem, também, para os educandos brincarem de dama ou xadrez. Na quadra poliesportiva, sempre há torneios de futsal, gincanas, além da realização das aulas de educação física.

Quanto a acessibilidade deixa um pouco a desejar, pois há rampas para cadeirantes, mas os banheiros não estão adaptados para os mesmos. e não há piso tátil para os deficientes visuais. E sobre o atendimento na sala de AEE, não há, pois, falta profissional.

A referida instituição educacional exerce a função social de fornecer ao aluno acesso ao conhecimento sistematizado e, a partir deste, a produção de novos conhecimentos. Preocupa-se com a formação de um homem consciente e participativo na sociedade em que está inserido. Recentemente a escola foi campeã de um projeto intitulado “Pacajus Científico” e o tema do projeto vencedor foi Nutrição e Saúde. Esse evento foi promovido pela Secretaria Municipal de Educação (SME) do município de Pacajus. Na escola há, também, o projeto Mais Alfabetização e outros, voltados ao incentivo à leitura e à escrita.

A comunidade escolar se preocupa, bastante, com a formação dos alunos. E sobre isso, eles defendem que os alunos precisam construir uma sociedade libertadora, crítica, reflexiva, igualitária, democrática e integradora, fruto das relações entre as pessoas caracterizadas pela interação de diversas culturas em que cada cidadão constrói a sua existência e a do coletivo.

Os participantes da pesquisa foram o coordenador da escola e os professores do 2º, do 5º, do 7º e do 9º ano, no período da tarde, que concordaram em participar do estudo de forma

voluntária. Para manter o anonimato, nomeou-se as entrevistadas com nomes fictícios de flores.

3.3 Coleta de dados

Quanto aos métodos empregados na coleta e análise de dados, essa pesquisa se classifica como qualitativa, quanto à natureza dos dados, pois busca-se compreender a realidade pela ótica dos sujeitos, no caso, os professores, os coordenadores e o diretor. Essa pesquisa se constitui como sendo de campo, no que se refere ao ambiente onde os dados serão coletados (GIL, 2010).

A coleta de dados ocorreu por meio de observação informal, composta por três sessões e entrevistas semiestruturadas com os professores, além da coordenadora da escola. Essas entrevistas foram compostas por perguntas que tiveram por finalidade levantar dados a respeito da ausência da família na escola.

As entrevistas foram organizadas, de forma semiestruturada, nos termos colocados por Minayo (2013), ou seja, combinando perguntas fechadas, feitas pelo investigador, buscando dar maior profundidade às reflexões, e perguntas abertas, dando aos entrevistados possibilidade de falar, livremente, sobre o tema pesquisado.

3.4 Aspectos éticos

A referida pesquisa foi realizada buscando-se respeitar os aspectos éticos em pesquisas envolvendo seres humanos. Os participantes do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), onde são explicados os objetivos do estudo, os riscos e os benefícios, além da participação voluntária e não remunerada e preservação da identidade deles. Além disso foi solicitado ao responsável técnico da instituição onde o estudo aconteceu, a assinatura do Termo de Anuência Institucional (TAI), contendo a autorização expressa do mesmo para a realização da pesquisa.

Quanto aos riscos deste estudo, considera-se serem mínimos. Não houve nenhum procedimento invasivo à privacidade dos entrevistados. As entrevistas com os sujeitos da pesquisa (professores) ocorreram em local fechado e reservado. Os entrevistados puderam, a qualquer momento, optar em não responder às perguntas ou até mesmo interromper a entrevista caso se sentissem constrangidos.

4 ANÁLISE DA INFORMAÇÃO E RESULTADOS

A seguir, apresentam-se as observações e entrevistas realizadas no decorrer da pesquisa de campo.

4.1 Observação

Em função das indagações propostas por esta pesquisa, houve participação em encontros da escola (31 de agosto de 2019, 20 de setembro de 2019 e 1 de outubro 2019). Foram três sessões de observações informais com os responsáveis dos alunos. Nesses encontros, foi possível observar que havia um número reduzido dos familiares e que a escola recebia a todos com muito comprometimento e dedicação. Por sua vez, os convidados presentes, mostravam interesse pelos assuntos tratados na reunião. Outro evento no qual compareceram poucos pais, ocorreu no dia 20 de setembro de 2019 (conscientização acerca do suicídio, setembro amarelo). Observou-se o clima de amizade que a Escola quer manter com as famílias. Estratégias como estas, de iniciativa da escola abordada, possibilitam, consideravelmente, a melhoria da relação família/escola.

Embora com encontros escassos e participação dispersa, percebe-se uma boa interação dos pais (família) na escola.

4.2 Entrevistas

Através das entrevistas, conseguiu-se contemplar os objetivos principais que esta pesquisa aborda e organizando, em tópicos, as respostas fornecidas pelas entrevistadas, para melhor compreensão do tema abordado.

No decorrer desta pesquisa, buscou-se verificar quais os efeitos da parceria entre a família e a escola. Através das experiências relatadas pelas entrevistadas que atuam há anos na área da educação, conquistou-se a oportunidade de enriquecer o tema aqui apresentado. Muitos são os autores que investigam esta temática, por acreditar que a família é a base, ou seja, de grande importância para aprendizagem e o desenvolvimento integral da criança. Na presente entrevista, ao questionar sobre os efeitos da ausência da família na escola, obtiveram-se respostas que fortalecem essa perspectiva.

De acordo com as falas das docentes, a professora Rosa expressa que “na maioria das vezes a família só toma conhecimento da sua ausência quando é chamada na escola”; a professora Flor afirma que “tento ajudar o aluno em sala para que não seja tão prejudicado,

pois em casa ele não é acompanhado nas tarefas” e a professora Sol diz: “não dispõe de tempo para acompanhar os filhos na escola”. A coordenadora Margarida completa dizendo: “Grande parte das famílias são alheias à omissão, visto que algumas querem que a escola faça o papel delas, o papel da família”.

O rendimento escolar, a evasão e a indisciplina são fatores que parecem, profundamente, impactados pela ausência da família. De acordo com as entrevistadas, a ausência da família resulta, efetivamente, no baixo rendimento dos alunos. As quatro professoras entrevistadas concordam que há diferença no desempenho entre os alunos que recebem acompanhamento em casa e os que não tem essa oportunidade. Segundo Cury (2012) a ausência dos pais na escola pode, em alguns casos, produzir um efeito negativo na aprendizagem dos alunos. Pode gerar um canal aberto para que ele entre no mundo das drogas o que, para a sociedade, vem custando muito caro.

As falas das professoras e, também, dos autores aqui citados, coadunam com a ausência da família na escola como uma questão importante. A professora Flor diz: “Não querem se responsabilizar pela educação dos filhos”. A entrevistada concorda com Mendes (2010) quando diz que os filhos são lançados na escola e muitas vezes esquecidos por um transporte escolar que chega, com algum tempo de atraso, quase todos os dias.

Diante desses relatos que fortificam os resultados positivos da atuação ativa da família na escola é relevante registrar que ambas as instituições devem buscar soluções para atuarem em parceria.

Sabendo que a presença e o apoio dos pais no processo educacional da criança são essenciais para o bom desempenho, faz-se necessário trabalhar em prol desta união. A seguir as respostas de professoras que foram unânimes ao responderem o seguinte questionamento: “Como a família poderia ajudar mais?”

A professora Flor, do 2º ano, respondeu: “A família poderia ajudar acompanhando a aprendizagem dos filhos”. A participação da família é uma necessidade declarada por muitos profissionais da educação e é embasada por lei. A LDB, no artigo 1º, que diz:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar na convivência humana no trabalho nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996).

Este artigo traz a ideia de que a ausência da família na escola acarreta malefícios para a educação dos alunos. Nesse sentido foi pedido para os entrevistados falarem um pouco sobre os desafios que a escola enfrenta com a ausência da família. De acordo com a

professora Sol do 9º ano: baixo rendimento, indisciplina e abandono.

Segundo o que diz a professora Papoula, do 5º ano, a respeito dos motivos das famílias não participarem dos eventos escolares que exigem a presença deles: “Às vezes falam que estão no trabalho e não há interesse”.

Concluindo os relatos das entrevistadas sobre os efeitos da ausência da família na escola, as palavras da professora do 7º ano relatam como os professores lidam com a ausência da família, no acompanhamento dos filhos: “Chamo os pais ou responsáveis para saber da falta do aluno”. (Professora Rosa).

Nas três falas das entrevistadas, percebe-se que elas concordam que a ausência da família na escola causa efeitos negativos no aprendizado dos filhos. Pode-se observar, também, de acordo com as palavras das professoras, que as famílias alegam falta de tempo por conta do trabalho.

Sobre as possíveis causas da ausência familiar na vida escolar dos filhos, Mendes (2010) relata que com o advento do capitalismo, as famílias passaram por uma grande mudança contextual, que se caracterizou pela ausência dos pais dentro de casa. Explicando por meio de exemplo, ocorreu que o artesão, que fazia suas peças no quintal de sua casa, contando com a ajuda dos filhos e da mulher para tal ofício, teve que sair do âmbito familiar para trabalhar na fábrica. Com os pais trabalhando nas fábricas os filhos tiveram, na escola, um abrigo permanente e contínuo. Este fato ocasionou a divisão da responsabilidade da guarda das crianças entre família e escola.

Conforme o previsto, inferiu-se que as respostas das entrevistadas estão em concordância com a visão de que a educação funciona melhor, quando ocorre a parceria entre a família e a escola. Mesmo que a família venha representada pelos responsáveis dos alunos, eles exercem papéis específicos com contribuições nas esferas afetivas, ética, moral e intelectual.

Todavia, a escola e a família dependem, uma da outra, na educação da criança. Uma não funciona bem sem o auxílio da outra. Assim sendo verificou-se, através das falas das professoras, que a presença da família melhora e facilita a função da escola, no que diz respeito ao processo de ensino aprendizagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a pesquisa, conclui-se que é fundamental a presença da família na escola, participando das atividades e interagindo com os professores, sendo esse quesito

apontado por diversos teóricos.

Em função dos objetivos inicialmente traçados, foi possível contemplar que: a escola enfrenta diversos desafios no que diz respeito à ausência da família, desde falta de rendimento da criança até a evasão escolar, os motivos pelos quais as famílias não participam dos eventos que exigem sua presença na escola estão, diretamente, relacionados às exigências do mercado laboral e/ou inclusive a falta de interesse por parte da família; as diversas ações por parte da gestão escolar, a fim de trazer a família para a participação dos eventos na escola, trazem efeitos positivos; verificou-se que a presença da família melhora e facilita o trabalho da escola, na prática de suas funções junto a criança, inclusive no processo de ensino aprendizagem.

Ante o exposto neste estudo, percebe-se que os resultados podem servir de apoio à comunidade escolar para a ampliação do conhecimento sobre os motivos pelos quais as famílias estão ausentes e como a escola pode trabalhar para reverter isso. Visto que esse problema é recorrente nas instituições educacionais compreender esse fenômeno é fundamental para aprofundar a parceria entre a família e a escola.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. **O cotidiano escola através de casos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- ATHAYDE, N.P.A. Educação superior – graduação e pós-graduação. **Sociologia e Antropologia da educação**. Módulo didático. 1. ed. Fortaleza, 2017.
- AULETE, C. **Minidicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2004.
- BRASIL. Constituição de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 out. 1988.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, Distrito Federal, 21 dez. 1996.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). Resolução 2, de 22 dez. 2017. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Diário Oficial da União**, Brasília, Distrito Federal, 22 dez. 2017.
- BOCK, A.M.B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.L.T. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. São Paulo: Saraiva: 2002.
- CASTRO, Jane Margareth; REGATTIERI, Marilza. **Interação escola e família**. Brasília, DF: UNESCO, MEC, 2009.

CURONICI, C.; MCCULLOCH, P. **Psicólogos & Professores: um ponto de vista sistêmico sobre as dificuldades escolares.** Tradução Cristina Muachoo. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CURY, A. **Pais inteligentes formam sucessores, não herdeiros.** São Paulo: Saraiva, 2012.

ENGELS, F.C. **Origem de família, da sociedade privada e do Estado.** Tradução: Leandro Konder. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FERRARI, M.; KALOUSTIAN, S. M. A importância da família. In: KALOUSTIAN, S. M. (Org.). **Família brasileira: a base de tudo.** 5 ed. São Paulo: Cortez / Brasília, DF: UNICEF, 2002.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL. **Métodos e técnicas da pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

JARDIM, A.P. **Relações entre família e Escola: proposta de ação no processo Ensino Aprendizagem.** Presidente Prudente: Unoeste, 2006.

LIBÂNEO, J.C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

MENDES, B. C. **Consequência da ausência da família na formação dos filhos.** 2010. Disponível www.periodicos.unir.br/index.php/secta/article/view/39/51>Acesso: 20.02.2018.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MINUCHIN, S. **Famílias: Funcionamento e tratamento.** Porto Alegre: Artes médicas, 1990.

OLIVEIRA, L.C.F. **Escola e família numa rede (des)encontros: um estudo das representações de pais e professores.** São Paulo: Cabral Editora 2002.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** Campinas: Autores Associados. 2005.

SILVA, E. A. da. As contribuições da relação família e escola para a aprendizagem sob o olhar de professoras do 2º ano do ensino fundamental. **Educação & Ensino**, Fortaleza, v.3, n.1, jan./jun.2019, p.79-103, 2019. Disponível em: <<http://periodicos.uniateneu.edu.br/index.php/revista-educacao-e-ensino/issue/view/10>> Acesso em: 2 dez. 2020

SOUZA, M.; SOARES, M.M. **A participação da família, sua influência na formação educacional da criança.** Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Pedagogia). Centro Universitário Ateneu (UniATENEU), Fortaleza, 2019.

SOUZA, C.A.R.; SOUSA, T.M.G. Os novos tipos de família reconhecidos pela jurisprudência do supremo Tribunal Federal. **Revista de Produção Acadêmico-Científica**, Manaus, v.3, n.º 1, 2016.

SOUZA, A. F. de; SOUSA, M. A. de; MARQUES, J. P. Interação entre professor e família: a influência na aprendizagem dos alunos do 2º ano do ensino fundamental em escola pública. **Educação & Ensino**, Fortaleza, v.4, n.1, jan./jun. 2020, p.62-79, 2020. Disponível em: <<http://periodicos.uniateneu.edu.br/index.php/revista-educacao-e-ensino/issue/view/19>>
Acesso em: 2 dez. 2020

TIBA, I. **Adolescentes: quem ama, educa**. São Paulo: Interage, 2005.

TIBA, I. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Interage, 2006.

VASCONCELOS, C.S. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad, 1989.

ZAGURY, T. **Escola sem conflito: parceria com os pais**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

Recebido em: 18/02/2021

Aprovado em: 17/05/2021